

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088
Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Eu preciso aprender a voar

Iran Coutinho
irancoutinho2104@icloud.com

Gosto da rotina. Gosto de executar o que foi planejado, de saber o que me espera e de ver cada tarefa cumprida no seu tempo. A previsibilidade me transmite segurança. Contudo, ao analisar a minha vida, vejo que essa tentativa de eliminar os erros e fracassos não deu certo. Na realidade, a vida humana é imprevisível. Ela não depende apenas das nossas escolhas e decisões. Ocorrem situações inesperadas que fogem ao nosso controle. Somos afetados pelas decisões de outras pessoas e por acontecimentos que não prevíamos. Até aquilo que mais tememos pode acontecer, independentemente do nosso empenho e dedicação. Essa constatação, no decorrer dos anos, produz arrependimento em meu coração pelas oportunidades perdidas, muitas vezes pela falta de ousadia para buscar o novo e viver a vida, mesmo correndo riscos. O medo nos impede de alçar voos para novos horizontes, de abandonar a falsa segurança da rotina e de enfrentar novos desafios. Voar é perigoso. Enquanto

permanecemos no chão, temos a ilusão de que dominamos o caminho. Conhecemos os atalhos, repetimos os mesmos percursos e nos protegemos na rotina. Voar é diferente. É deixar para trás as referências que nos tranquilizam e aventurar-nos por territórios desconhecidos. Eu poderia ter voado mais na minha juventude. A vida é cheia de encruzilhadas, e são as nossas escolhas que decidem o nosso futuro. A juventude é a fase em que mais sonhamos, mas a imaturidade e o medo muitas vezes nos inibem de tomar decisões arrojadas. Na velhice, é mais difícil voar. Os medos e os traumas podem nos manter presos ao chão. O corpo já não responde como antes, algumas oportunidades parecem ter passado, e a experiência pode nos tornar mais cautelosos. Preciso ter coragem para recomeçar, voltar a sonhar e ter sabedoria para escolher novos caminhos. Enquanto houver sonhos, propósito e disposição para sair da zona de conforto, ainda podemos abrir as asas e voar. Eu preciso aprender a voar ...

Concursos literários, por favor

Esequiel Mesquita
emesquita@ufc.br

A minha cidade é pequenina, encravada aos pés da Lolaia; grande, exuberante, rochosa, de um cinza quase verde. É de lá que a rés se estende árida e avança para dentro das casas; é de lá que se fabula o mundo: pequeno, quase um quintal. Mas é lá também que o vento conversa, e suas lufadas fazem os vivos caminharem pelos mesmos passos do passado, dos que não desistem da terra e dela fazem brotar esse imaginário cíclico: o sertão de cada um. Mas este sertão só vive se a gente existir; e lembrar que ele existe. Passaram-se então quatorze anos desde que o meu sertão foi lembrado. Vivo, ele escancara a porta; não permite trancas, nem mesmo quando portas e janelas se fecham, nas sextas, para dividir o dia. O aniversário de Irauçuba abriu também uma vereda para a palavra: celebrou-se a cidade com um concurso literário, entre poemas e poesias, acendendo lamparinas para que a memória

encontrasse, no escuro, o caminho de volta para a rede. — E foi muito. Celebro o momento, pequeno, imaginário e eterno, que revelou artistas; cavou-os das sombras, deu-lhes ouvintes, leitores. Lembrou-os do sertão, do dia, da gente, do couro, da terra; do profundo Siará. É por isso que defendo: — Mais concursos literários! E mais ainda nas cidades pequenas! Coloquem-nos em lugar de destaque nas celebrações anuais das cidades, sem desculpas. Precisamos, nós, o povo, da nossa riqueza. É esta a oportunidade de chamar pelo nome os que estavam guardados: o menino da escola, a professora, a mulher que escreve no fim do dia, o poeta calado no balcão. É lembrar que também ali, entre a feira, a novena, o couro, a pedra e o quintal, há mundo bastante para ser dito. E quando uma cidade premia a palavra, ela não enfeita o instante; segura, por um pouco mais, o seu próprio sertão, para que ele não passe sem voz, sem chão, sem memória. — Concursos literários, por favor.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Polindo vaidades

Jansen Viana
Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Ele está lá. Imponente. Vestido de camiseta, calção e tênis de marca, vai polindo esmeradamente seu Porsche Cayenne 2011. Bancos em couro de alta qualidade, suspensão automática, o escambau. Não vou revelar as marcas da indumentária, até porque tenho medo de que, só em mencioná-las, possa estourar o limite do meu cartão de crédito, como fez com o dele. E o que é pior: com o vencimento atrasado. Há três meses ele tenta pagar apenas os juros e mal consegue. Mas ele está lá. Pomposo, polindo o carro enquanto pensa que é dele. A financeira já tem outro entendimento, vista a inadimplência. No canto da parede, uma caixa de som que, ensurdecadoramente, toca sofrências sem parar, para o desagrado da vizinhança, cujas multas, já aplicadas pelo síndico, ele simplesmente ignora. Mas ele está lá. Ostentoso, na garagem de sua casa em condomínio de alto padrão, enquanto a ação de despejo movida pelo senhorio não se conclui. Seu advogado abandonou o caso depois de ele reclamar, com estupidez, da cobrança das custas processuais. Mas ele está lá. Presunçoso, achando que só ele está certo, só ele tem razão. Na fila do pão, ele acha que é o próprio pão. Se soubesse que nem na fila ele está... Mas ele está lá. Empolado, empolgado consigo mesmo, enrolado no próprio ego, polindo sua vaidade vã. Ignorando os retrovisores, mantem o foco somente na lataria. Mas ele continua lá. Empertigado. Como se não houvesse pontos de ferrugem na lataria, procurando brilho onde já não existe, saboreando a própria fantasia. Pano na mão, pânico na alma e vai, delicadamente, passando pano nas suas frustrações. Mas a esposa não está mais lá. Mas a filha não está mais lá. Só ele está lá. Só. Polindo, polindo e polindo.

CARLUS CAMPOS



Na análise,

Ana Andrade
Ex-Correspondente **O POVO**

dia desses, falei algo que bateu forte. Parece que vamos endurecendo ao longo da vida. Enquanto crescemos, endurece-se muitas coisas de dentro para fora, o abraço espontâneo agora não faz mais sentido, perde-se a malemolência da espontaneidade, e a vergonha, que cria força ali na adolescência nos acompanha, demonstrar é mico, é emoção demais. Aff! Na geração do imediatismo, abre-se espaço para a ânsia, e fortalece-se a pressa. Cada memória criada, se perde no emaranhado do crescimento, o brilho dos olhos ao presenciar algo pequeno, mas digno de sentimento também se perde aí pelo caminho. Não há mais tempo para nada, inclusive para sentir de verdade todas as emoções que permeiam o nosso corpo.

Entendo que canalizar a atenção para o que é “produtivo” é bacana, evita umas fadigas, mas engessa o olhar. A vida que parece perder a graça é elevada à décima potência. Sendo que na escola, por uma boa parte da vida somos ensinados a enxergar através do lúdico, mas não nos falam que essa virtude pode ser escondida ali na despensa onde a luz pode não alcançar com facilidade. Ao reler este texto, percebi que falei tanto de engessar e esqueci de frisar que dá sim para (des)endurecer. Não é impossível, mas exige um esforço. Que nós (des)endureçamos o olhar para o ensinamento que cada situação que chega sem pedir passagem traz. Vou ao Ministério das minúsculas grandes causas reivindicar isso! Ah, e continuar na análise para lembrar que fazer a manutenção é necessário.

A escola que desejamos

Carla Freitas
Professora da rede estadual do Ceará, doutoranda em Políticas Públicas pela Uece e professora Correspondente Mestra **O POVO**

Quantas transformações sociais atravessam a escola contemporânea. Os estudantes trazem à escola experiências construídas nas redes sociais, plataformas digitais e em relações mediadas por telas. Nesse cenário, acolher assume uma dupla concepção: significa escutar, reconhecer diferenças, construir pertencimento e criar condições para aprender como também estabelecer limites, orientar escolhas e formar para a convivência. Lembremo-nos do relatório da Unesco coordenado por Jacques Delors em que se define o aprender a conviver como um dos quatro pilares essenciais da educação, que consiste em desenvolver a compreensão do outro, a empatia e a capacidade de trabalhar em projetos comuns, superando preconceitos e construindo uma cultura de paz. Paulo Freire, em “Pedagogia da autonomia”, lembra-nos de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua construção. Lev Vygotsky, em “A formação social da mente”, ao destacar a importância da interação e da mediação social, ajuda-nos a compreender que ninguém aprende isoladamente. Charlot, em “Da relação com o saber”, por sua vez, evidencia que a relação com o saber depende do sentido que o estudante atribui ao conhecimento e à própria experiência escolar. Com a cultura digital, essa realidade ganhou novas dimensões, visto que a tecnologia ampliou possibilidades de acesso, comunicação, criação e aprendizagem, mas também trouxe desafios como cyberbullying, desinformação, exposição, conflitos, excesso de conectividade e novas formas de desigualdades. Por isso, a escola, para além da proteção, mas alinhada a Base Nacional Curricular Computação (2025), que é o complemento curricular focado em letramento digital, pensamento computacional e tecnologia, precisa informar e formar sujeitos críticos, éticos, autônomos e capazes de participar da cultura digital com responsabilidade e intencionalidade, inclusive, para os demais pilares essenciais da educação que são o aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a ser.